



# Prevenir violências de gênero: Experiências e Aprendizagens na América Latina e Caribe Hispânico (2010-2020)



## NOTA TÉCNICA



**Iniciativa  
Spotlight**



**CISCSA**  
CIUDADES FEMINISTAS



Esta é uma iniciativa impulsionada pelo Fundo de População das Nações Unidas – UNFPA, no âmbito da Iniciativa Spotlight, uma aliança global da União Europeia e das Nações Unidas que busca eliminar a violência contra mulheres e meninas em todo o mundo. Na América Latina, a Iniciativa Spotlight é implementada por ONU Mulheres, PNUD e UNFPA, com participação ativa de mecanismos intergovernamentais, organizações da sociedade civil e outras agências do Sistema das Nações Unidas.



## NOTA TÉCNICA

# PREVENIR VIOLÊNCIAS DE GÊNERO:

## Experiências e Aprendizagens na América Latina e Caribe Hispânico (2010-2020)

“Prevenir violências de gênero: Experiências e Aprendizagens na América Latina e Caribe Hispânico (2010-2020)” é uma iniciativa impulsada pela Oficina Regional do Fundo de População das Nações Unidas UNFPA-LACRO no marco da Iniciativa Spotlight e desenvolvida conjuntamente pelo Centro de Intercâmbios e Serviços CISCOSA-Cidades Feministas (Córdoba, Argentina) e a Coletiva Feminista para o Desenvolvimento Local (El Salvador).

O trabalho se propôs abordar o grande desafio de conhecer “O quê funciona e que não funciona na prevenção das violências baseadas em gênero na região”, com o fim último de propor melhorias orientadas a futuras ações. Recolheu experiências de 19 países, identificando 668 iniciativas desenvolvidas por diferentes agentes, buscando dimensionar a magnitude e o tipo de esforços levados a cabo em torno ao tema na última década. Conhecer o quê se tem feito, o quê tem funcionado e quais esforços têm sido infrutuosos resulta fundamental para fazer mais eficiente o trabalho que busca deter as violências.

### As violências baseadas em gênero, uma problemática que persiste

As violências baseadas em gênero (VBG) continuam sendo uma das mais graves violações aos direitos humanos das mulheres e das dissidências sexo-genéricas. Persistem e se manifestam nos espaços domésticos, nos diferentes âmbitos públicos, assim como adquirem novas manifestações, como no mundo digital. Isto evidencia tanto sua persistência como seu carácter estrutural e de contínuo. Conforme dados coletados pela OMS, na região das Américas a prevalência de violência física e/ou sexual por parte do parceiro à mulheres entre 15 e 49 anos no percurso de sua vida foi, em 2018, de 25%, e a prevalência ao menos uma vez durante o ano prévio foi de 7% (WHO, 2021).

Além disso, durante 2020 e 2021 a pandemia por COVID-19, segundo dados da CEPAL (2022) contribuiu a intensificar a situação de vulnerabilidade das mulheres, em conexão com fortes retrocessos em termos socioeconômicos, que empurraram os índices de pobreza extremas aos observados 27 anos atrás.

<sup>1</sup> World Health Organization (WHO). (2021): Violence Against Women Prevalence Estimates, 2018: Global, regional and national prevalence estimates for intimate partner violence against women and global and regional prevalence estimates for non-partner sexual violence against women. World Health Organization. <https://www.who.int/publications/i/item/9789240022256>

<sup>2</sup> Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL). (2022) Panorama social de América Latina. 2021. Recuperado de: <https://www.cepal.org/es/publicaciones/47718-panorama-social-america-latina-2021>



Apesar deste contexto adverso, cabe destacar que já desde a década de 1990, América Latina e Caribe Hispânico tem logrado ampliar cada vez mais a compreensão e visibilidade das VBG. Na atualidade, dos 19 países estudados 13 contam com leis integrais para abordar esta problemática, oito foram sancionadas entre 2010 e 2018. Já conta-se com ferramentas e políticas públicas que reconhecem formalmente este flagelo e suas múltiplas manifestações. Avançar em garantir a transformação das causas que geram-no continua sendo um desafio urgente tanto para os governos, as agências multilaterais como para as organizações de mulheres e feministas.



A prevenção das VBG contempla todas aquelas ações que visam evitar que as violências ocorram, desde uma compreensão complexa das mesmas, reconhecendo às mulheres em sua diversidade de condições e opressões específicas e assumindo a necessidade de modificar suas causas estruturais. Promove simultânea e integralmente medidas de curto, meio e longo prazo, orientadas à transformação das normas sociais e culturais de gênero.

### Principais descobrimentos do estudo

- O campo da prevenção continua sendo polissêmico e disperso. Coexistem múltiplos sentidos sobre quê significa e quê ações são necessárias para prevenir as VBG. Identificamos ao menos três sentidos diferentes:

### O QUÊ SIGNIFICA PREVENIR AS VBG PARA AS EXPERIÊNCIAS RELEVADAS

**Transformar as normas sociais de gênero**

**Promover maiores níveis de equidade de gênero**

**Assistir e acompanhar mulheres em situação de violência**

- Utiliza-se um amplo número de estratégias e um grande leque de agentes, incluídos alguns não tradicionais como universidades, instituições religiosas e empresas, que aparecem na última década impulsando iniciativas de prevenção das VBG.
- Persistem os enfoques a curto prazo, sendo na maioria experiências desenvolvidas em períodos curtos de menos de 6 meses a um ano, com um pequeno número de até 3 anos.
- Entre as ações governamentais, persistem as iniciativas de capacitação e as campanhas de sensibilização de curto alcance. Confirma-se a progressiva importância assignada a temas como igualdade e equidade de gênero, autonomia e empoderamento econômico das mulheres, sensibilização e fortalecimento de capacidades institucionais.

Recentemente se integram às políticas públicas outros aspectos como o trabalho com e sobre masculinidades, fundamentalmente a partir do trabalho com homens agressores, os enfoques de interseccionalidade e interculturalidade, assim como o reconhecimento da diversidade sexual.

- Também se identifica uma forte presença das agências do Sistema de Nações Unidas, que cumprem um triplo papel em torno às experiências de prevenção. Em primeiro lugar, desenvolvem programas, projetos ou campanhas próprias. Também brindam apoio, assessoramento técnico e impulsam ações em confluência com diversos agentes, sejam públicos, privados e não governamentais. Em terceiro lugar, financiam propostas e brindam acompanhamento, o qual permite não só contar com recursos, mas também outorgar legitimidade às iniciativas frente a certas instituições.

### **Reorientar a perspectiva e reajustar o que não funciona**

A análise das experiências relevadas permitiu identificar alguns aspectos recorrentes que se apresentam como obstáculos ou barreiras para lograr a efetiva prevenção das VBG. Entre estes:

- Desvanecer a especificidade das VBG respeito de outras violências ou discriminações, invisibilizando as experiências particulares das mulheres ou dissidências sexuais frente a situações de violência que lhes afetam.
- Homogeneizar as experiências de VBG para todas as mulheres e dissidências sexuais, desconhecendo as maneiras particulares em que estas afetam a grupos específicos como afrodescendentes, indígenas, jovens, meninas, mulheres com deficiência, lesbianas e trans, entre outras.
- Assumir que toda intervenção que aborda as VBG contribui a sua prevenção. Nem todas as ações contribuem a modificar as normas sociais que mantêm as violências ou a transformar suas causas estruturais.
- Centrar as intervenções preventivas em minimizar os danos uma vez que a violência já está instalada. A prevenção necessariamente deve tender a modificar as causas das VBG e não somente amortecer seus efeitos.
- Desconhecer a ancoragem social, cultural e histórica das VBG em cada contexto particular. Assumir as violências como fenómeno transcultural e ahistórico invisibiliza as normas sociais de gênero específicas e os fatores que intervêm em sua configuração. Sem um conhecimento destes fatores, dificilmente poderão se construir intervenções assertivas respeito à problemática.
- Focalizar as intervenções em ações pontuais, esporádicas, com objetivos delimitados e a curto prazo não contribui a produzir transformações sociais nas causas estruturais das violências.
- Focalizar as intervenções unicamente em incrementar a informação que a população tem respeito às VBG não necessariamente impacta na transformação das causas que a produzem nem nas normas sociais que as mantêm.
- Não contemplar a participação das mulheres, jovens, meninas e dissidências sexuais e a articulação com as organizações sociais nas propostas de prevenção.

- Considerar a as mulheres, meninas, jovens e dissidências sexuais somente como beneficiárias das ações sem incorporar sua participação como elemento chave para o desenvolvimento das propostas de prevenção.
- A débil ou inexistente institucionalidade para a prevenção das VBG, que dá conta do lugar secundário ou periférico que ainda hoje ocupa na abordagem das violências.
- Centrar a avaliação das ações de prevenção no relatório de alcances, sem consolidar capacidades para o monitoramento e a avaliação de processos e resultados. A ausência ou débil reflexão sobre as próprias intervenções não permite retificar, adequar ou melhorar as ações, evitando o investimento de recursos (técnicos, humanos, financeiros) em esforços infrutíferos.
- Considerar as mulheres somente em tanto sujeitas vulneráveis que necessitam assistência ou acompanhamento ante as VBG. Isto não contribui a fortalecer suas autonomias individuais e coletivas.

### Os caminhos promissórios para a prevenção das violências

Neste estudo se consideram experiências promissórias para a prevenção das VBG aquelas que mostram a potencialidade de desafiar e transformar as normas sociais e culturais de gênero. São iniciativas que contribuem a visibilizar e ampliar a compreensão das VBG nos espaços públicos, não só as que se produzem dentro do

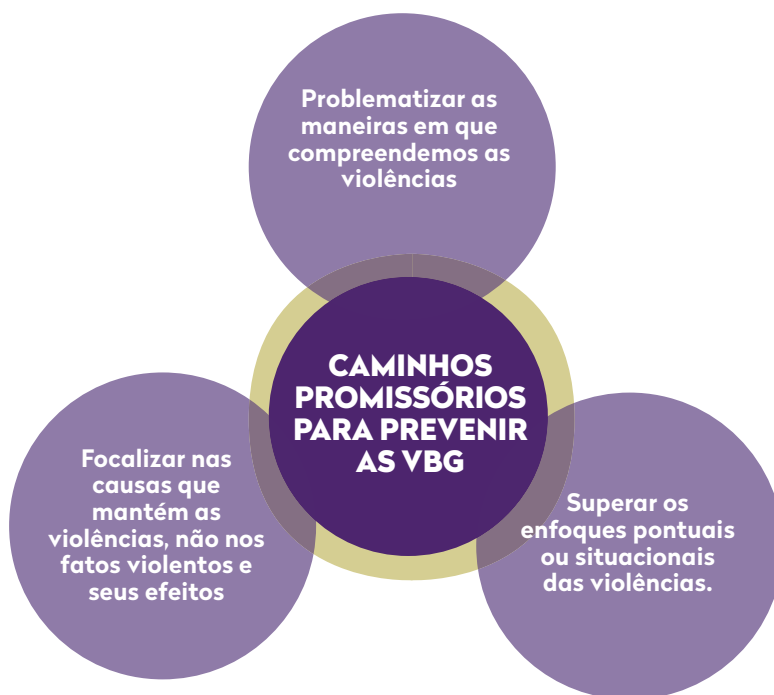


casal ou no âmbito familiar.

Também estão as dirigidas a grupos de mulheres e meninas particularmente excluídos e vulnerados, como indígenas, afrodescendentes, personas com deficiência, personas LGBTTIQ+, entre outras.

Neste sentido, são propostas que intensificam na multiplicidade e interrelação de condições estruturais, padrões socioculturais e práticas socio-comunitárias, institucionais e sociais que produzem e reproduzem as violências.

Os resultados do estudo permitem afirmar que se requer fortalecer a aplicação dos enfoques de gênero, de direitos humanos, interseccionais e interculturais nas ações de prevenção de todos os agentes, para avançar na construção de abordagens eficazes e promissórias. Estes enfoques contribuem a garantir uma intervenção mais eficaz já que permitem identificar situações que nem sempre são reconhecidas.



**Ainda que os enfoques de gênero e de direitos humanos estão sendo incorporados formalmente de maneira progressiva no planejamento de políticas públicas e programas desenvolvidos pelas organizações sociais, sua implementação efetiva nas abordagens das VBG e sua prevenção continuam sendo um desafio.**

Convidamos vocês a conhecer este trabalho, feito com enorme compromisso e rigorosidade. Esperamos seja uma ferramenta para se aproximar à multiplicidade de enfoques que abordam a prevenção das VBG e aprender delas. Confiamos em oferecer esta investigação como um insumo importante para o necessário debate político que nos permita seguir construindo uma sociedade más justa e equitativa para todas, todos e todes.



 prevenir.vbg

 @prevenirvbg

 @PrevenirVbg

[prevenirvbg@gmail.com](mailto:prevenirvbg@gmail.com)

[www.prevenirviolenciasdegenerolac.org](http://www.prevenirviolenciasdegenerolac.org)



**Iniciativa  
Spotlight**



Esta é uma iniciativa impulsionada pelo Fundo de População das Nações Unidas – UNFPA, no âmbito da Iniciativa Spotlight, uma aliança global da União Europeia e das Nações Unidas que busca eliminar a violência contra mulheres e meninas em todo o mundo. Na América Latina, a Iniciativa Spotlight é implementada por ONU Mulheres, PNUD e UNFPA, com participação ativa de mecanismos intergovernamentais, organizações da sociedade civil e outras agências do Sistema das Nações Unidas.



**CISCSA**  
CIUDADES FEMINISTAS

**CISCSA Ciudades feministas**

[ciscsa@ciscsa.org.ar](mailto:ciscsa@ciscsa.org.ar)

<https://www.ciscsa.org.ar/>

Córdoba, Argentina



**Colectiva Feminista para el desarrollo local**

[asociacioncolectivafeminista@gmail.com](mailto:asociacioncolectivafeminista@gmail.com)

<https://colectivafeminista.org.sv/>

El Salvador, El Salvador